

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A - 1.º e 2.º Andares - Telef. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa - Rua de Santo António, 133.

Diretor, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA

GUIMARÃIS DESCOBRIMENTO Fala Salazar!

Como tantas outras cidades de Portugal, a Guimarães não tem sido possível firmar a data precisa da sua fundação, conquanto se lhe dê a hora do nascimento na criação do mosteiro de D. Muma, em plena idade média, muito antes que se erguesse no mundo o nome de Portugal. Mas de todas as várias camadas raciais que se sucederam no domínio da terra peninsular, em Guimarães ou muito perto, se encontram vestígios, como na Citânia de Briteiros, remanescente do domínio Celta; nas lápides romanas; no seu castelo, que precede a fundação de Portugal, ponto de defesa do modesto burgo erguido na base da colina, em torno do templo de Santa Maria. Como não lhe bastassem foros tão recuados no tempo e na história, os imaginosos criadores de lendas do século XVII ainda lhe atribuem o direito de poder considerar o seu solo aquele em que assentou a velha Araduca, terra em que viveram sábios e artistas e cuja vida é uma das grandes lendas da antiguidade.

Que a primeira terra de Portugal, a cidade número um, como a classificou um ilustre homem de letras do nosso país, tem uma história dourada dos mais fortes heróis através a nossa vida nacional, não há sobre isso dúvida alguma. Falam bem alto o seu nome e livros em que se registam os acontecimentos memoráveis da existência da Nação, através oito séculos de glória e de acendrado patriotismo. O seu castelo e os seus templos, os restos dos seus panos de muralhas e os padrões artísticos dos seus museus; a vetustez dos seus arruamentos estreitos e os brazões heráldicos que iluminam os cuminhos dos seus palácios antigos, colocam Guimarães entre aquelas cidades de sonho, em que o sentido do passado anda nos olhos de quem as contempla e de que há tão belos exemplares em toda a península ibérica.

Em Guimarães sempre viveu o amor por esse passado, sem que constituia um obstáculo ao progresso, em harmonia com a evolução da vida humana. Terra de artistas, foi ali que nasceu e se desenvolveu ao máximo a arte da ourivesaria, uma das que mais nobilitou o valor estético do nosso país, e que já em tempos de Sancho I tinha na velha cidade o seu núcleo mais importante. Ali nasceram sábios e guerreiros, poetas e homens da governança, e até um pontífice do seu solo saiu para dominar Roma e a cristandade, embora a esse tempo Portugal fôsse ainda uma estrela que não surgira no céu político da Europa. É uma cidade aristocrática, com a linha fidalga dos seus nobres e a não menos fidalga dos seus artistas. É, por sinal, nos nossos dias, a cidade em que o espírito arrojado dos apaixonados do industrialismo encontra campo vasto e seguro para os seus esforços. Nas mesas de Portugal, se se pretende possuir um toalhado de alvura de neve e de finura delicada, tem de ser linho de Guimarães. É uma realidade e uma tradição.

Mas, incontestavelmente, o passado é sempre, na próspera cidade minhota, a bandeira que ela ergue sobreancira. Pode progredir, e progride. Pode modernizar-se, e moderniza-se. Pode abrir avenidas e arruamentos vistosos, que tudo isso, sendo muito

pouco vale diante da torre de menagem do milenário castelo, que está, lá no alto da colina, a desafiar as inclemências do tempo. Guimarães é uma cidade orgulhosa da sua história. E na verdade tem sobrada razão para tanto. Em torno daqueles velhos muros, Portugal defendeu a sua existência nos tempos audaciosos do primeiro reinado. Nas lutas sangrentas da defesa da independência da pátria, com o Mestre de Aviz, praticaram-se por ali bravuras que deixaram de si memória imorredoura. Os de Guimarães estiveram em Ceuta com heroísmo singular, como estiveram em toda a acção em que a Pátria precisasse da coragem dos seus filhos. Mais tarde, quando o estrangeiro invasor, nas guerras napoleónicas, talava campos e cidades, os de Guimarães foram dos inimigos mais bravos que Sout e Massena encontraram em terras de Portugal.

Mas não importa detalhar estes factos. Seria repisar, página a página, a história de Portugal. Interessa mais lembrar os dons magníficos com que a natureza dotou aquela terra privilegiada, as maravilhas insuperáveis de seus aspectos campestres, aquela concha de esmeralda em que assenta a velha e heróica cidade, os seus costumes e tradições, mantidos inalteráveis através a pressão angustiada do materialismo moderno. Cortada por leves filetes de água, afluentes do Ave, os campos de Guimarães, trabalhados há séculos com a mesma tenacidade e os mesmos processos rústicos, parecem um jardim bucólico em que o homem se fatiga para se divertir. Entra ano e sai ano, e o lavrador, entre duas romarias e duas feiras, continua, como quem faz uma promessa, a realizar o seu esforço, lavrando a terra, podando a vinha, moendo o milho, que lhe dá o pão. A terra é boa, fértil, amiga. Não dá grandes riquezas, que entontecem; mas não recusa nunca a mediania, que consola. Se há pedaços de terra no mundo capazes de dar felicidade, essa é uma delas.

No próximo ano, Guimarães vai receber o prémio da sua gloriosa existência. Dela falará o mundo inteiro, porque o mundo inteiro irá depôr as suas flores no altar da Pátria portuguesa, premiando-lhe o heroísmo de oito séculos, e a primeira pedra que lá se encontrará há-de gravar o nome de Guimarães. É a primeira na ordem cronológica e a primeira no esplendor dos seus feitos. Ninho de águas, foi dali que levantou vôo a que fundou um reino e uma pátria. Por isso a velha cidade é mais alguma cousa que um agrupamento de casas, porque é, na realidade, o primeiro altar em que se consagra o heroísmo de um povo. Os corações portugueses, tomados da paixão pela terra gloriosa e imortal, irão a Guimarães como numa peregrinação, para que, no mesmo lugar em que primeiro se ergueu o nome de Portugal, ao luz das espadas no recontra de São Mamede, possam encontrar alento para manter o fervor patriótico de que a Pátria necessita e a sua glória exige.

Guimarães é a primeira cidade de Portugal. Modesta nas suas condições, embora, ela exhibe os seus foros insuperáveis de mãe augusta da terra de Portugal. Glória lhe seja dada por isso.

CARAVELAS DA ÍNDIA! CARAVELAS, DA MINHA RAÇA HERÓICA E AVENTUREIRA! ABRIS NO MAR CONSTELAÇÕES DE ESTRELAS, A INUNDAR DE LUZ A TERRA INTEIRA!

O PRÓPRIO VELHO DO RESTELO, AO VÊ-LAS, CORAÇÃO EMBARCOU NA DERRADEIRA... LARGAI A TODO O PANO AS VOSSAS VELAS, QUE A ÚLTIMA A PARTIR SEJA A PRIMEIRA...

CONDUZ-VOS O GÊNIO DA AVENTURA, CARAVELAS DO SONHO E DA LOUCURA QUE FÊZ HERÓIS E SANTOS MEUS AVÓS!

CÉU E MAR! CÉU E MAR!... A IMENSIDADE E' FEITA DE ESPERANÇA E DE SAUDADE, ANSIAS DE ALÉM RESSUSCITANDO EM NÓS.

Américo Durão.

rio e há ainda a considerar as despesas de captagem, de maquinaria, de pessoal e de filtros próprios. No entanto vemos que é esta a solução que melhores resultados tem dado e a que tem já recorrido diversas terras que só por este meio conseguiram ter sempre água em abundância. Mas a solução dos depósitos, se fôr possível, — e não há impossíveis na moderna engenharia — não deve ser desprezada.

O estudo a efectuar-se é que tem de ser feito criteriosa e conscientemente e por pessoa devidamente especializada em tais assuntos. Porque há, ainda, que tomar em conta o tão necessário saneamento e ter bem presente que não pode existir bom saneamento... com falta de água.

O actual presidente do município, numa sessão ultimamente realizada, tratou, com notável desassombro e clareza, de pôr em relêvo e em primeiro lugar para estudo imediato e solução tanto quanto possível rápida, o abastecimento de águas. E será mais um grande melhoramento, o mais importante e necessário de todos, que a cidade de Guimarães lhe ficará devendo.

Isto sem prejuízo — antes pelo contrário, — do arranjo mais urgente que é necessário dar a cidade para as comemorações centenárias.

São João das Caldas, 24 de Maio de 1939.

X. X.

Secretaria Notarial

São muitas as pessoas que lamentam o facto de a Secretaria Notarial, recentemente criada, ter sido instalada em local tão distante daquele onde estão a funcionar as repartições públicas e a Câmara. De facto, essas pessoas têm razão, visto que seria muito mais razoável que aquela secretaria funcionasse tam perto quanto possível das repartições citadas, a fim de evitar uma caminhada muito desagradável a quem, estando a tratar de qualquer assunto nessas Repartições, necessite, com urgência, de reconhecer qualquer documento. É caso para dei-

tar os bofes pela boca fora, no verão, e para ficar como um pintainho, no inverno, quando se trate de pessoas que tenham de fazer o trajecto a pé.

Ora, francamente, não está certo!

Comissão de Estética Municipal

Reuniu, pela primeira vez, na passada segunda-feira, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Guimarães, a Comissão de Estética Municipal, recentemente reconduzida. Presidiu à cerimónia da posse o sr. dr. João Rocha dos Santos, ilustre Presidente do município, e estavam presentes os srs. dr. Augusto de Castro Ferreira da Cunha — vereador da Cultura e presidente nato da Comissão — e Alberto Vieira Braga (escritor). Alfredo Guimarães (escritor), Alexandre Camarinha (pintor), António d'Azevedo (escultor), José António de Sequeira Braga (arquitecto), José Luiz de Pina (professor) e dr. Ricardo de Freitas Ribeiro (publicista).

O sr. Presidente da Câmara saudou os empossados, agradecendo a sua colaboração com a Câmara, e declarando esperar que os frutos recolhidos pelo exercício da Comissão de Estética desde 1931 a 1934, se ampliem agora, para proveito de Guimarães e facilidade directiva da Câmara a que tem a honra de presidir.

O sr. dr. Américo Durão, digníssimo Secretário da Câmara, leu o auto de posse, que foi assinado por todos.

Em seguida a Comissão de Estética entrou no exercício da sua grande missão discutindo, para propôr, o seguinte:

I — A transferência do chafariz do Largo Martins Sarmiento para a Praça de D. Afonso Henriques, em substituição da estátua do Fundador da Nacionalidade, que vai ser colocada, pelo Estado, no Parque do Castelo, junto dos monumentos e estabelecimentos culturais;

II — A aprovação, com ligeiras alterações, das plantas para a construção de duas moradas de casas na avenida dos Pombais;

III — O arranjo artístico do Largo dos Laranjais, e sobretudo a construção de prédios que encobrem as irregularidades do edificio do antigo Colégio das Doroteias;

IV — A aprovação do ante-projecto da construção que vai substituir, sobre o passeio sul do Jardim Público, o antigo e desengraçado quibôque, para venda de jornais e tabacos.

A reunião prolongou-se pelo espaço de três horas.

As futuras reuniões da Comissão de Estética vão realizar-se na Torre Manuelina (dos Almadas), à rua da República.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarães»

Aproveitando o ensejo de se reunir a Assembleia Nacional, para autorizar o sr. Presidente da República a visitar a União Sul-Africana, o Chefe do Governo pronunciou um discurso, com o fim de esclarecer o País sobre o momento da nossa política externa. Fez-lo com aquela nobre clareza de linguagem e de ideias e aquela firmeza que lhe são apêndigo, e que denunciam a consciência plena das responsabilidades e do prestígio do Poder.

O que, sobretudo, impressiona nessa peça oratória do melhor estilo, é a conclusão que se tira, de que, dentro de compromissos e de ideologias, Portugal segue uma orientação independente, uma orientação absolutamente portuguesa, adequada aos seus interesses e sua finalidade histórica.

Há um ano e dias, precisamente no fim da anterior legislatura, tive o ensejo de expôr á Assembleia Nacional a orientação governativa quanto aos mais graves problemas da política interna e a alguns que então figuravam na primeira linha das preocupações internacionais. Ao vir hoje pedir em nome do Governo o assentimento da Câmara á visita do Chefe do Estado a um país estrangeiro, não se julgará despropósito fazer o balanço da situação internacional e dizer como entre os perigos e contingências destas e tem movido a nossa política externa.

No período de alguns meses acabou a guerra de Espanha, e com a vitória nacionalista se desvaneceram algumas das causas do desassossôo geral. Mas no resto da Europa e no mesmo espaço desmembraram-se Estados, proclamou-se a independência de outros, fizeram-se rectificações de fronteiras com transferência de vastos territórios, encorporaram-se nações sob formas diversas, e com tudo isto se aumentou consideravelmente o valor estratégico e o potencial militar de alguns países. Dados como resolvidos uns problemas, tomaram logo outros o seu lugar, criando novas inquietações, como se, perdida certa estabilidade, embora precária, todo o mapa europeu estivesse por esse facto sujeito a revisão. Há manifestamente exagero em supô-lo, mas na intranquilidade que se apossou dos espíritos tôdas as conjecturas as mais absurdas, se transformaram em fonte de receios, senão de perigos.

Temos assistido com calma — que não é inconsciência despreocupada — ao desenrolar dos acontecimentos. Longe do seu principal teatro, com fronteiras secularmente estáveis, um só visinho na metrópole, sem problemas de raça ou de lingua, mistura de populações ou dependências económicas destas que arrastam as dependências políticas, a um canto da Europa, quasi desligado dela e projectado ousadamente sobre o mar, país atlântico por excelência, como só a Inglaterra pode pretender sê-lo, e como ela com os maiores interesses e mais pesada tarefa noutros continentes e mares — Portugal tem o dever de se não deixar transviar pelo desassossôo geral. Mas nalguma coisa estamos em causa como os outros.

Que pretendemos da Europa ou até que ponto nos devemos considerar solidários com a sua vida e cultura?

Nós estamos presos á Europa política na medida em que possamos ser arrastados pelas imprevisíveis consequências de um conflito geral, e moralmente em tanto quanto ela possa continuar a ser o cérebro e o coração do mundo. E em tais termos hão-de entender-se legítimas as queixas que temos de formular.

Conecemos pelos processos de trabalho. Pós-se de lado o convencionalismo diplomático e estão por completo desacreditados os antigos processos. O tom duma nota, o protesto duma chancelaria, a retirada dum diplomata, o aparecimento intempestivo dum navio ou duma esquadra, um incidente de fronteiras, a mobilização parcial dum exército perderam o antigo significado e, pelo menos, parece que ninguém se importa já com isso. Substituída a velha discricção correcta e silenciosa pela diplomacia em assembleia geral, de que a S. D. N. foi vivo exemplar e consumado descrédito, passou-se ao método que podemos chamar da acção directa, febril nas diligências, prementes nos contactos, plebiscitário e clamoroso ante as multidões. Concentra-se a atenção mundial nas declarações dos grandes homens públicos e estamos bastante doentes para passarmos dias ansiosos á espera de um discurs-

so e crermos que dête dependerá a paz ou a guerra.

Isto não seria possível, mas o simples facto desta ansiedade mostra quão precária é aos olhos do espirito a organização da paz. (Muito bem!)

Uma publicidade desafortada, estúpida umas vezes, outras inteligentíssima e intencional, esquadrinha as atitudes, dá sentido às coisas indiferentes, perverte as intenções mais puras, desvirtua o pensamento mais lúcido, açula paixões, espalha o ódio, lança o terror, suscita problemas e lembra soluções que são outros tantos problemas, e com falsas notícias e com meias verdades cria a atmosfera de guerra com que alguns, é certo, podem resolver dificuldades de política interna e outros não se percebe que intuito tenham senão a mesma guerra.

Dêstes usos e dêstes excessos nasceu um grande mal na Europa, que a visível diminuição da sua sensibilidade moral mais tem agravado ainda — o mal da desconfiança. Declarações, garantias, promessas, acórdos, salvo os raros casos de se basearem na evidência dos interesses ou em amizades experimentadas pelo tempo, nêles não creem já os estranhos, porque, em verdade, os interessados parece serem os primeiros a ter nêles pouca fé. O conflito dos interesses imediatos e das obrigações assumidas terminou em várias conjunturas com a vitória dos primeiros e o sacrificio dos valores morais. E, para cúmulo, demos durante a tragédia espanhola, com olhos cegos ou a razão perturbada, bastas provas de não distinguirmos já bem a verdade e o erro, a virtude e o vicio, a ideologia política e a mentalidade criminosa, o que é deplorável para quem se proponha dar exemplo ao mundo. (Muito bem!)

São certos e graves estes males e no entanto afiguram-se-me que os podemos considerar antes como sintomas de uma crise passageira e curável do que doença sem esperança, excepto se os princípios em nome dos quais a Europa pretende resolver os seus problemas contiverem em si o virus mortal da guerra ou, por outras palavras, se a própria solução dos problemas importar a guerra, em vez da colaboração na paz.

«A grande força de progresso social e político que os nacionalismos representam só parece ser benéfica enquanto se mantêm nos domínios da competição pacífica».

A Europa, tal como resultou de condições mesológicas e de longa evolução histórica, não pode resolver por si e dentro de si os problemas fundamentais da sua vida e cultura; necessita da cooperação de outras partes do mundo. Podem deslocar-se soberanias — e esta deslocação está praticamente limitada a territórios e povos oscilantes — podem sangrar-se populações, mas não podem aniquilar-se povos, raças, desenvolvimentos demográficos, energias e ambições de independência onde a maturidade da vida social a tenha por necessária. Não basta também a Africa, em que a Europa pode dizer-se quasi inteiramente domina, e por isso se habituou a resolver aqui os problemas dela; são-lhes precisas a Asia, em que só parcialmente manda, e a América, em que deixou absolutamente de mandar.

Ora a guerra pode ou não lançar a Europa na subversão das suas instituições e no aniquilamento da sua civilização e cultura — e muitos o pensam — mas é certo que economicamente a arruína, e a paz em que ela está a viver também. Dos loucos dispêndios da preparação bélica que uns aos outros se atraem ou provocam advém em grande parte as suas restrições de vida, as suas crises financeiras, as suas falências, as desvalorizações e instabilidade das moedas, em suma, não pagar e não cumprir, e à medida que maior colaboração se lhe impõe mais se vê condenada ao isolamento.

A grande força de progresso social e político que os nacionalismos representam só parece ser benéfica enquanto se mantêm nos domínios da competição pacífica, aliás tenderá a criar dificuldades á solução dos problemas próprios nos outros nacionalismos despertos. (Muito bem!)

Quando a Europa fala de espaços vitais como de um facto ou duma aspiração representativas de estreitas relações económicas, da existência ou da formação de economias naturalmente complementares pela contiguidade ou aptidões naturais, ela pode tender para a progressiva nacionali-

Farpas

Água e saneamento

A-pesar-de tôdas as boas vontades e de tôdas as obras realizadas, o problema da água não se encontra ainda definitivamente resolvido.

O que se tem feito, no intuito louvável de se conseguir aumentar o abastecimento de água na quadra estival, não produziu ainda os resultados desejados e estou convencido que voltaremos a ter novas decepções nos meses de estiagem que se aproximam.

A abertura de novas minas, na Penha, não nos parece que dê os resultados satisfatórios ou, pelo menos, os resultados

optimistas que impulsionaram a realização desses trabalhos.

Poderemos ter, naturalmente, acréscimo de água no inverno. Mas esse excedente nada remediará nos meses de verão. E, portanto, para que a água não volte a escassear, há que admitir duas hipóteses:

a) conseguir armazenar, no inverno, em reservatórios próprios, o excedente de água, b) ou aproveitar a água de um rio próximo para abastecimento no verão.

Qualquer das duas hipóteses traz encargos consideráveis. E o valor do estudo que se tenha de efectuar, está, precisamente, em demonstrar, com seguros elementos, qual das duas é preferível.

Há quem tenha repugnância em servir-se das águas de um

zação da economia geral; mas, se dessa noção desliza para a reserva dos mercados e desta para o domínio político, encorpora naquele ideia um princípio de guerra e pode esperar-se ergam fortes barreiras ao seu desenvolvimento. (Muito bem!)

Enquanto grupos de emigrantes trabalham em país estrangeiro, a cuja economia e hospitalidade se acolheram, ninguém estranhará que até eles se estenda a protecção do seu país de origem; mas se a Europa proclamar o princípio de que esses núcleos representam projecções ou afirmações de uma soberania estrangeira em verdadeiros enclaves, logo haverá quem divise no fenómeno o começo de invasão política e novos obstáculos surgirão à colocação no mundo de excedentes demográficos. (Muito bem!)

«Nada pretendemos dos outros e não há contra nós reivindicações com qualquer fundamento a apresentar» Quando a Europa deixar perceber que há regimes políticos essencialmente agressivos e outros dotados de evangélica mansidão e respeito pelos direitos alheios não só comete um erro clamorosamente desmentido pelos factos, mas tende para a artificiosa criação de blocos ideológicos e suscita problemas de ordem interna nos Estados, que estão longe de facilitar o entendimento; e quando exige ou concede direitos de cidade a organizações partidárias cuja direcção ou chefia reside em país estrangeiro e se trabalha contra a existência nacional independente, está a minar a solidez dos mesmos Estados ou soberanias em que pretende apoiar-se para construir a paz. (Muito bem!)

«Disto e só disto me arreaccio — que a Europa, que nenhum problema pode resolver pela guerra dentro de si, não saiba organizar em si mesma a paz e de um modo ou de outro, procurando progredir e viver, lance a própria, como semente sobre a terra, princípios de ruína e de morte. É seria trágico, pois quando a Europa se diminui já é menor o mundo. (Muito bem!)

Falamos como europeus. Somos e orgulhamo-nos de ser pelo nosso trabalho, pelas nossas concepções políticas e sociais, pela nossa mesma estabilidade um factor de paz. Nada pretendemos dos outros e não há contra nós reivindicações com qualquer fundamento a apresentar. Para honrar compromissos muitas vezes entramos em guerra e batalhamos por esses campos da Europa, sem que nunca recebéssemos acrescentamentos territoriais, buscássemos paz interna, auferíssemos lucros ou benefícios de qualquer ordem, e de outro qualquer conflito não os queremos nem esperamos. (Muito bem!)

Muitas vezes nos batemos por honra, dever ou ideal, não por interesses materiais, e tendo malbaratado fazenda e vidas, nunca a guerra nos foi negócio nem fonte de negócios. Quando muito, defendemos o nosso direito e mostramos que a vida fácil nunca foi nosso quinhão: isso nos dá direito a falar da paz sem se poder dizer que o fazemos por covardia ou comodidade. E' por convicção; e por dever. (Muito bem!)

Se efectivamente a guerra não pode ser uma solução para os problemas europeus mas um problema mais grave que os outros que pretendia resolver, as dificuldades gerais reclamam no fim como no principio da corrida de armamentos as soluções que só a inteligência pode ditar e não poderão nunca advir da força mas da discussão, do entendimento, da boa vontade em suma. Nestas circunstâncias pode afirmar-se que alguns em condições análogas às nossas só com mostrarem-se prudentes e calmos prestam já óptimo serviço à paz.

«Portugal e a Espanha são obrigados a viver paredes meias na Península; a boa ou má vizinhança favorece-os ou prejudica-os a ambos.» Falemos agora como portugueses. E' porventura escusado definir nesta altura os principios informadores e as grandes directrizes da nossa política externa, tão naturalmente decorrem das circunstâncias da nossa vida e das realizações da nossa História. A nossa feição atlântica e a actividade colonial estão na base da aliança inglesa; a vizinhança e a solidariedade peninsular cimentam a fraternal amizade com a Espanha; o heróico esforço de Portugal, criador de impérios, domina as relações com o Brasil — nem simpatia nem amizade mas o próprio sangue e alma dos avós (Muito bem); a nossa compreensiva universidade e a extensão dos nossos interesses permitem as melhores e mais amigáveis relações com todos os Estados. Mas agora só hei de referir-me ao que tinha importância especial, e começarei pelo problema peninsular.

Portugal e a Espanha são obrigados a viver paredes meias na Península; a boa ou má vizinhança favorece-os ou prejudica-os a ambos. Muitas vezes em oito séculos de vida Portugal lutou contra a Espanha, ou contra Estados espanhóis, para manter ou consolidar a sua independência; muitas vezes também lutou ao seu lado contra terceiros. Este traço é característico e resume em si a História das relações peninsulares: dois Estados irremovivelmente independentes; duas nações fraternalmente solidárias. Não sei porquê, mas a liberdade e independência da Espanha parece ser postulado da política portuguesa; e na última crise mais uma vez se fez ouvir a voz da História e Portugal se manteve fiel à tradição.

Contra os compromissos tomados pelo Governo por bem compreensível necessidade política, e como se tais

compromissos contradissem a razão e profundo sentimento do povo, alguns milhares de portugueses, iludido por mil formas a vigilância das autoridades, abandonaram a sua vida, interesses e cómodos, foram combater pela Espanha, morreram pela Espanha. Orgulha-me que tenham morrido bem e todos — vivos ou mortos — tenham escrito pela sua valentia uma página heroica da nossa e de alheia História. (Muito bem!)

Em todos os domínios onde era livre a nossa acção ajudámos no que pudemos o nacionalismo espanhol e a civilização cristã, directamente ameaçados por doutrinas e regimes que só os que andam à cata de deslizes esperam converter ou tornar inofensivos. (Muito bem!)

Mantendo-nos a nós próprios firmes contra os assaltos organizados cá dentro, garantindo a segurança e tranquilidade da fronteira, enfrentando por toda a parte a incompreensão e cegueira da Europa (onde a Espanha nacional tão poucas amizades contava), arrostando contra más vontades, ameaças e perigos, umas vezes acompanhados, algumas vezes só, guiados apenas por mais exacto conhecimento das situações e mais clara visão dos interesses da Europa ocidental, que, através de tudo, pretendíamos defender, sem cansaço, sem desânimo, sem cálculo, fomos desde a primeira hora o que deveríamos ter sido — amigos fiéis da Espanha, no fundo peninsulares. (Muito bem!)

«Vencemos» quer apenas dizer que se realizaram as nossas previsões, pois da vitória só esperamos podermos trabalhar à vontade, segundo a linha geral dos interesses comuns. A Espanha conseguiu matar no seu próprio sangue o vírus que ameaçava a paz e civilização da Península; martirizada, vergada pelo sofrimento, há de ter mergulhado em meditação profunda até às mais recônditas raízes do seu ser; extrairá da sua consciência ancestral, do seu sangue e indómita bravura os principios da nova ordem social e política, e em nome deles pode afirmar que, tendo-se revoltado contra a servidão comunista, não lutou bravamente para hipotecar por outro modo a sua própria independência e destino. (Muito bem!)

G. «O tratado de amizade com a Espanha é bem o coroaamento de uma obra e a pedra angular de uma política.» Um só limite há hoje à plena liberdade da sua acção externa — o tratado de amizade com Portugal. E se é para nós algum tanto desvanecedor, traduz, por outro lado, a perfeita compreensão dos interesses superiores da Península, que a definição de qualquer política por parte da Espanha tenha sido precedida e condicionada, no pensamento dos seus mais altos dirigentes, pelas declarações do pacto luso-espanhol.

«Um só limite há hoje à plena liberdade da sua acção externa — o tratado de amizade com Portugal. E se é para nós algum tanto desvanecedor, traduz, por outro lado, a perfeita compreensão dos interesses superiores da Península, que a definição de qualquer política por parte da Espanha tenha sido precedida e condicionada, no pensamento dos seus mais altos dirigentes, pelas declarações do pacto luso-espanhol.» Quem quer que haja reflectido na política tradicional inglesa e no sentimento essencialmente defensivo da sua acção internacional, terá podido compreender quanto a Inglaterra deve apreciar a criação desta verdadeira zona de paz na Península, dado que um dos Estados é seu velho aliado e o outro foi sempre seu amigo; mas eu não recio ir mais longe. Assim como a vitória «vermelha» em Espanha poria constantemente em risco de colisão os interesses franceses e ingleses em relação à Península, pelo conflito ideológico e político de um lado e pela aliança anglo-portuguesa do outro, assim é evidente que só através da Espanha nacionalista, irmanente ligada a Portugal, a França e a Inglaterra podem trabalhar pela segurança dos seus interesses ou fronteiras e melhoria das suas relações. A esta luz o tratado de amizade com a Espanha é bem o coroaamento de uma obra e a pedra angular de uma política. (Muito bem!)

Assim foi e assim é, mas isso não quer dizer que os factos e atitudes destes últimos três anos tenham sido encarados e compreendidos pelos nossos melhores amigos tal qual os encaramos e compreendemos, e que a guerra de Espanha não tenha sido mais uma dura prova a que foi sujeita a aliança inglesa. Felizmente, como doutras vezes, no decorrer dos séculos, dela saiu vencedora. Enquanto a guerra civil se arrastava, com a péssima ajuda da Europa e da América, e se mantinha em certos sectores da opinião inglesa manifesta incompreensão do significado da luta e da nossa posição nela, os Governos Português e Britânico aprofundavam os problemas da aliança e estudavam em amigável colaboração as questões relacionadas com a defesa dos dois países por meio da missão militar vinda a Portugal. Não cairam no óbvio dos estudos, e apesar da influência que já possam ter tido na solução de alguns problemas militares, e de não haverem perdido os contratos estabelecidos, estou por mim lado certo de que terão de prosseguir de futuro. (Muito bem!)

Este simples facto — aliás corroborado por muitas outras demonstrações de alta estima — é claramente revelador de como entendemos manter-nos dentro das constantes da nossa História, assegurando na fidelidade à aliança luso-britânica a defesa dos interesses comuns, e ressalvando no que lhe é estranho não só a nossa liberdade de acção como a existência de muitas outras amizades. Foi sempre assim durante séculos, sem que possamos estranhá-lo ou que se habituaram a distinguir alianças com fundas

Criticas Pequenas

Entre a documentação de mais curiosa valia que nos últimos anos honrou a REVISTA DE GUIMARÃES figura, como trabalho de probidade, modelar e de beneditina paciência, *Uma Certidão de Fernão Lopes passada ao Mosteiro de Roriz em 1451*, prefaciada e lida por António Gomes da Rocha Madahil, Conservador do Arquivo e Museu de Arte da Univ. de Coimbra.

Desde 1922 que o notável Investigador vem lançando a público mais de 20 ensaios de pesquisas do mais variado interesse. Naquela certidão que leu e prefaciou e comentou com um carinho enternecedor, no índice toponímico com que muito a valorizou, nas equilibradas considerações de funda investigação que lhe após, em tudo nos revela o consciencioso Publicista a sua vocação omnimoda para trabalhos de tal estôfo e separatas de tanta meticulosidade.

Quem houver apreciado na Cultura do *Diário de Noticias* os termos de raríssima amabilidade com que ali foi festejada a *Crónica inédita do Mosteiro de Jesus, de Aveiro*, poderá avaliar até onde chegam os altos dotes que se palgam continuamente nos trabalhos de Rocha Madahil. A nossa velha Universidade pode justamente orgulhar-se de ter ao seu serviço da maior responsabilidade um consumado cabouqueiro da História. Feliz Arquivo que tal Homem honra!

G.

GUIMARÃIS

O artigo com este título que noutra lugar publicamos é transcrito do nosso prezado colega «Correio Português», do Rio de Janeiro.

raízes nas determinantes da geografia ou da evolução histórica, dos arranjos ocasionais, por interesse passageiro ou ternura do momento, e tão trágicos, tão artificiais, tão dissolúveis como muitos casamentos de hoje. Por mim — e sei que falo em nome do meu País — tomo tanto a preito cumprir fielmente os deveres da aliança como não deixar, por honra e interesse de ambas as partes, corrompê-la ou aviltá-la. (Muito bem!)

«A propaganda puramente política não é em Portugal vedada a alguns portugueses para ser, sem distinção, consentida a estrangeiros.» Nota, porém, haver muitos jornalistas que tratam por essa Europa fora com grande desenvoltura altos problemas de Estado e se ocupam de nós com insistência não equivalente ao conhecimento dos factos; e fantasiam, e inventam, e deturpam, mas sobretudo ignoram. Têm ainda grandes culmes — quem no diria em democratas e liberais — da propaganda que não seja a sua. Refiro-me à propaganda honesta e não ao «caldo de cultura» em que a dissolução de ideias e costumes está a converter muitos países, e aproveitou a oportunidade para dizer o seguinte:

Somos, por tradição, formação moral, compreensão universalista do nosso espirito, propensos e abertos ao conhecimento das instituições, costumes, ideais, modo de ser dos outros povos civilizados. Somos bastante orgulhosos para nos considerarmos possuidores de algumas qualidades e bastante modestos para julgarmos vantajoso adquirirmos outras. Só pode ser benéfico que uns nos deem a lição da sua disciplina e trabalho, outros das suas criações de ciência ou de arte, estes da finura e claridade do seu espirito, aqueles da ponderação e equilíbrio das suas concepções da vida. Certamente será difícil que as instituições ou regimes não tirem algum fruto de serem conhecidas as suas realizações e benefícios; mas a propaganda puramente política não é em Portugal vedada a alguns portugueses para ser, sem distinção, consentida a estrangeiros. (Muito bem!)

Comissão de Estética

Em tempos, ouvi falar da criação de uma Comissão de Estética e cheguei a ler os nomes das pessoas que a constituíam.

Sucedeu, porém, que essa Comissão, apesar de constituída por pessoas de reconhecida idoneidade, passou, mais tarde, a não ser ouvida para a solução de certos problemas sobre os quais se devia pronunciar e disso resultou o aborrecimento de alguns ou talvez de todos os seus membros, levando-os a afastarem-se de responsabilidades...

E nesta emergência do «era e não era» não se sabia se, de facto, essa Comissão existia para dar o seu parecer — quando necessário — ou se, apenas, dela se conservava o nome.

Uma incerteza de semelhante natureza de forma alguma convida às pessoas que primitivamente foram escolhidas para a organização dessa Comissão, porque não queriam — e muito justamente — que a opinião pública lhes atribuisse responsabilidades que não lhes pertenciam. E como a dignidade profissional é também objecto de grande estima, cada membro da Comissão referida principiava por se considerar desligado de qualquer atropello de que fosse vítima a Estética da Cidade, resolução que nenhum poderia deixar de tomar, uma vez que um conjunto de circunstâncias assim o exigia.

Enquanto isto se passou em anos anteriores, o actual Presidente da Câmara, sr. dr. João Rocha dos Santos, a quem se deve a criação dessa Comissão, reorganizou-a e teve a preocupação de escolher nomes de pessoas competentíssimas, da idoneidade dos quais pode falar o passado, que é, sem dúvida, a melhor garantia do futuro. Esta resolução do sr. Presidente da Câmara é um testemunho da criteriosa orientação que sua ex.ª pretende dar ao que respeita a determinadas obras do município e isto, é claro, sem desprimor para a Repartição Técnica do mesmo.

A aludida Comissão tem, na realidade, um papel muito importante a desempenhar e a sua importância torna-se tanto maior, quanto maior for a responsabilidade das obras a realizar.

Portanto, estamos chegados a altura dessa Comissão entrar em séria actividade, mas torna-se necessário que o seu funcionamento se opere de forma a que a opinião pública possa conhecer a natureza ou eficiência das suas deliberações e, conseqüentemente, da sua atitude.

Devidamente organizada, do mesmo modo deve ser o seu funcionamento e nunca as suas resoluções devem deixar de ser exaradas em livro próprio, a fim de que com facilidade se possa fazer justiça a quem a ela tiver direito. Isto — que pode parecer um disparate — tem, no entanto, a vantagem de se saber, em qualquer ocasião, quem pe-

cou. De resto, a Comissão de Estética pode prestar bons serviços ao aformoseamento da cidade e pode evitar alguns erros que se transformem em barbaridades. Por outro lado, pode ser um elemento de valiosa cooperação junto da ex.ª Câmara Municipal. Pena é, como já se disse, que ela não tenha estado em permanente actividade desde a sua criação. E' um leigo quem fala e quem — sem pretender melindrar quem quer que seja — só acha útil a C. de E. toma-la a sério... Parece que assim vai suceder e oxalá que não se verifique o contrário.

Zé da Aldeia. Anunciai no «Noticias de Guimarães» e fareis uma boa propaganda.

TEATRO MARTINS SARMENTO EMPRÉSA JORDÃO & C.ª HOJE, pelas 15 1/2 e 21 1/2 horas Uma das mais lindas comédias que HOLLYWOOD tem produzido: PARAISO ROUBADO Protagonistas: — OLYMPE BRADNA GENER RAYMOND - LEWIS STONE 29 e 30 DE MAIO! A Companhia de Comédias MARIA MATOS representa as engraçadíssimas comédias OS ANJINHOS e A FIDALGA DE ARRONGHES RIR - RIR - RIR 12 e 13 DE JUNHO: Grande Companhia de Opera Italiana A mais completa organização que tem vindo a Portugal BARBEIRO DE SEVILHA LA BOHEME 60 PROFESSORES DE ORQUESTRA. 40 CORISTAS ITALIANAS. Assinatura aberta até 31 de Maio.

Vária

Provérbios...

«Une fille c'est une vigne. Onde não há, rei o perde. Pues donde no hay, derecho se pierde.» Variante: «Donde fuerza hay, derecho se pierde.» Vale mas tienda cara que casa harta. De casa do gato, não sai o rato farto. Caros alhos, senhor compadre. Ao homem farto as cerejas amargam. (1) Entre dos ruelas molares, nunca metas tus pulgares. Non eitra roca e fuso chi non vote esser filato. Il ne faut pas mettre le doigt entre l'arbre et l'écorce.

Na Vária do n.º 379, vinha o adágio: «Male parta, male dilabuntur.» a que demos por equivalente — Agua o deu, água o levou. Pessoa respeitável e cultíssima, de nossa maior estima e respeito, lembrou-nos o dizer popular, tam gracioso — O que pelo diabo vem, pelo diabo vai.

(1) Ao copista, nem farto, nem faminto, o que das cerejas amargou, no mesmo dia em que trasladava o ditado, foi o preço delas nas fruteiras da heróica Guimarães: por cinquenta centavos deram-lhe trinta e três cerejas pequeninas e bravas.

E' lá que se perde o bom senso, quando se fala para não dizer nada. Voltaire.

Já nem sinto nem calor, nem expressão, sinto apenas que vivo ainda, sendo morto. Amo-te porque vivo. O amor é o ar que eu respiro. Tenho tanto mérito em amar-te como os rios em correr e em arder o lume: é a minha natureza e o meu destino. E' na adversidade que se deve o homem a si próprio o maior respeito. Mirabeau.

Ninguém fale em suas máguas A quem mais máguas não tem; Só tem máguas doutras máguas Quem máguas tiver também. D. Clotilde Ramos.

Se os cómodos da vida, isto é, os delícias do corpo, os do coração e os do espirito, são o alvo a que tiram de longe, e de encontrados pontos, todas as opiniões, todos os sistemas, todas as parcialidades, a agricultura para Portugal deve e não pode deixar de ser havida pela política suprema, pela política das políticas. Castilho.

De Victor Hugo: ... ela conservava ainda na face essa flor de honestidade que, nas mulheres, sobrevive à primeira queda... Luz e pó — duas coisas de que se compõe a glória. Conversas de amor são núvens, conversas de mesa são fumo. Os braços das mães são feitos de amor e dormem neles as crianças profundamente. ... a ordenada honestidade do burguês... O sofrimento social (como vítima da sociedade) começa em qualquer idade (mesmo na infância). Desde a óstra até à água, desde o porco até ao tigre todos os animais estão no homem, e cada em cada ho-

mem, se, às vezes, se não dá o caso de estarem uns poucos.

... a tristeza lígubre dos ângulos rectos... A simetria é o aborrecimento e o aborrecimento gera a tristeza. As contrafeições do passado tomam nomes falsos e gostam de chamar-se o futuro. Como alma do outro mundo, o passado, muitas vezes falsifica o seu passaporte. O passado mostra certa cara — a superstição, e exhibe certa máscara — a hipocrisia. Chega o carro vazio e parte com alguma coisa dentro: é um enterro. De profundis. Certa dose de ignorância hábil é uma força: não desconfiamos dela, e apanha-nos.

O CASO DA LUZ

A grande maioria da opinião pública ficou satisfeita com o facto de o sr. Presidente da Câmara ter encarregado o sr. Engenheiro Almeida de Eça — o autor do projecto da Municipalização — de proceder ao estudo de uma contra-proposta de concessão, a fim-de ser apresentada pela Câmara à firma concessionária. Igualmente causou geral satisfação a afirmação do sr. Presidente, quando disse «que preferia uma boa concessão a uma municipalização pouco vantajosa». Evidentemente que assim deve ser:

Uma boa concessão firmada por um contrato mediante o qual fique cada um no seu lugar — isto é, concessionário e consumidores — deve ser a melhor forma de resolver o assunto com vantagem para estes. E' esse contrato que tem de ser cuidadosamente estudado, de modo que uns e outros fiquem com os seus direitos e com as suas regalias, uma e outra coisa devidamente acauteladas de parte a parte. Não queremos um contrato com portas-falsas, mas sim um contrato que não ofereça dúvidas a qualquer das partes que nele intervenham.

Quanto a preço definitivo a estabelecer, também os consumidores esperam ser beneficiados tanto quanto possível. E é isto, afinal de contas, o que se pretende e que já podia estar resolvido pelo mesmo processo que presentemente se procura resolver.

Nunca fizemos nem fazemos, ainda, questão de se dar a concessão a A ou a B, tanto mais que nada temos com isso, mas o que temos é pugna-do pelas vantagens da concessão, visto que a experiência da municipalização em outras terras tem dado resultados nada satisfatórios. Estamos, por isso, de acôrdo absoluto com a preferência da concessão, aliás já solicitada por centenas de consumidores,

da cidade

Boletim Elegante

Nascerimentos

Teve a sua *délicance*, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso prezado amigo e ilustre Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, sr. dr. Fernando Ayres.

Também teve a sua *délicance*, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso amigo sr. António Luís de Bastos Pina. Parabéns.

Partidas e chegadas

Com sua família, regressou das suas propriedades de S. Torcato o nosso prezado amigo e importante industrial sr. Alberto Pimenta Machado.

Partiu para Thy, o nosso prezado amigo e conterrâneo, rev. D. João Lindoso.

De visita a sua irmã e cunhada, tem estado entre nós, a Sr.ª D. Antonieta da Cruz Rodrigues, de Vila do Conde.

Doentes

Esteve há dias incomodado, mas já se encontra completamente restabelecido, o nosso prezado amigo e ilustre advogado sr. Dr. José Pinto Rodrigues.

Tem estado gravemente enfermo, o estimado solicitador encartado sr. Manuel Bernardino Ferreira. Desejamos as suas melhoras.

Casamento

Na igreja do Pópulo, em Braga, realizou-se há dias o casamento da sr.ª D. Paula de Azevedo Machado, com o importante proprietário em Terras de Bouro, sr. José Lino Gonçalves Caçador. Foram padrinhos por parte da noiva o sr. dr. Joaquim Monteiro da Fonseca, de Terras de Bouro, e sua mãe a sr.ª D. Amélia Rosa de Azevedo Machado, e por parte do noivo a irmã da noiva, sr.ª dr.ª Edwiges de Azevedo Machado, e o sr. P.ª José Esteves Pereira.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Aniversários natalícios

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA — Passou no dia 22 do corrente o aniversário natalício do nosso querido colaborador e amigo, sr. Manuel Alves de Oliveira, ilustre Director da Revista "Gil Vicente", a quem, embora tarde, abraçamos muito sinceramente.

ANTÓNIO DE SOUSA LIMA — Amanhã, dia 29, faz anos o nosso prezado amigo sr. António de Sousa Lima, a quem abraçamos também, e desejamos muitas prosperidades.

Fizeram e fazem anos os nossos amigos:

Dia 20, Aurélio de Barros Martins; dia 22, Arnaldo Alpoim da Silva Menezes, residente na cidade da Beira, e Manuel da Silva Pinto dos Santos; dia 23, Joaquim Laranjeiro dos Reis; dia 26, dr. Augusto da Silva Carneiro, ilustre Magistrado.

A todos apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

Também fiz anos, no dia 27, a sr.ª D. Maria Simões, grande benemerita da instrução popular na freguesia de Urgez, a quem felicitamos muito sinceramente.

No dia 1 de Junho próximo passa o aniversário natalício do nosso prezado amigo e ilustrado sacerdote, sr. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos. Apresentamos, também, a sua ex.ª os nossos cumprimentos.

Diversas Notícias

Associação Comercial e Industrial

Reuniu extraordinariamente no dia 24 do corrente, a Assembleia Geral desta Associação, a fim de deliberar sobre a sua transformação em Grémio do Comércio do Concelho, de harmonia com o Decreto-lei n.º 29.232, de 8 de Dezembro do ano findo.

Depois do sr. Presidente da Direcção ter esclarecido o assunto que motivou a reunião desta Assembleia Geral, foi apresentada e em seguida aprovada a seguinte proposta:

1.ª — Que a Associação Comercial e Industrial de Guimarães se transforme, ao abrigo do Decreto-lei n.º 29.232 de 8 de Dezembro findo, em Grémio do Comércio;

2.ª — Que se nomeie uma Comissão de três sócios desta Associação Comercial e Industrial para, conjuntamente com a Direcção, estudar a maneira de, na hipótese de se dissolver um dia o Grémio do Comércio, a organizar, e a actual sede e o recheio da Associação Comercial e Industrial volte à posse do organismo representativo do Comércio e Indústria de Guimarães.

A esta proposta foi apresentada,

que, por livre e espontânea vontade, subscreveram as representações que nesse sentido foram entregues ao ex.º Chefe do Distrito, sr. Dr. José Joaquim de Oliveira.

por um dos sócios, uma emenda referente à primeira parte, no sentido de que a mesma fosse aprovada em princípio, o que a Assembleia Geral aprovou por unanimidade.

Foram nomeados para fazer parte da Comissão a que se refere o 2.º n.º da proposta, os sócios srs. Camilo Laranjeiro dos Reis, Domingos Martins Fernandes e Francisco da Silva Pereira Martins.

Museu de Alberto Sampaio

Este esplêndido estabelecimento de educação e cultura foi visitado, esta semana, pelo Liceu «Alexandre Herculano», do Pôrto.

O mesmo Museu adquiriu, a expensas da Câmara Municipal, os seguintes novos objectos de arte: Um boião indiano, de grande porte, de vidro cozido e pintado; e um rico calix de prata dourada e relevada, do estilo de D. João V.

Nova escola

Hoje, às 14 horas, será solenemente inaugurada a nova escola primária oficial de Campelos, na freguesia de S. João de Ponte. Ao acto devem assistir o sr. Governador Civil, Presidente da Câmara, Director Escolar de Braga e outras entidades.

Dr. Armando Faria

O Supremo Tribunal Administrativo acaba de negar provimento ao recurso interposto, pelo sr. António de Freitas Ribeiro, a nomeação, em 1934, do sr. dr. Armando Teixeira de Faria para o cargo de tesoureiro Municipal.

A sentença foi dada por unanimidade, em igualdade de circunstâncias com a produzida, anteriormente, pelo Tribunal da Auditoria, do Pôrto.

Está, pois, o sr. dr. Armando Teixeira de Faria definitivamente investido no cargo para que fora nomeado, e isso é razão para o felicitarmos e felicitarmos o município, atenta a inteligência e perfeita dignidade com que, desde há cinco anos, vem exercendo aquela espinhosa missão.

Muitas felicitações.

O uso de chapéus nas casas de espectáculos

Pela Inspecção dos Espectáculos foi determinado que a partir de 27 de Maio corrente seja cumprido o disposto no n.º 1 e 7 do artigo n.º 160.º do decreto n.º 13564 de 1927, sendo por isso determinado às empresas das casas de espectáculos a afixação do seguinte aviso:

«Enquanto durar a projecção de filmes, as senhoras são obrigadas a conservar a cabeça descoberta, conforme determina o n.º 7, com referência ao n.º 1 do artigo n.º 160.º do decreto n.º 13564 de 6 de Maio de 1927. Esta infracção é punida com a multa de esc. 13500.»

Circo Mariano

Esteve em Guimarães, onde realizou apenas quatro espectáculos, a Companhia do Circo Mariano.

O público não ocorreu em número, como era costume, aos espectáculos, possivelmente porque os números apresentados, já vistos em Guimarães quasi todos e pela mesma Companhia, não foram motivo de atracção, não obstante serem trabalhos interessantes.

No último dia, quarta-feira, em festa Artística daquela Companhia, exibiram-se também alguns artistas do Circo Hipódromo, que tem funcionado em Braga, e cujos trabalhos mereceram aplausos.

Festas da Cidade

Iniciaram-se já os trabalhos para as Festas da Cidade, que com o maior brilho vão realizar-se em Guimarães, nos dias 5, 6 e 7 de Agosto próximo, e que à nossa Terra devem atrair muitos milhares de forasteiros. Do programa devem fazer parte duas sensacionais Corridas de Touros, a inimitável Marcha Gualteriana e outros números, além dos festivais com deslumbrantes iluminações, fogos de artifício, etc., etc.

A rua da República será também ornamentada e iluminada, por iniciativa da mesma Comissão que o ano passado levou a efeito as mesmas decorações.

Chá dansante

No próximo mês de Junho e possivelmente na primeira quinzena, deve realizar-se no recinto anexo à Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda», um Chá Dansante em benefício da Acção Social da L. P., para o qual vai ser nomeada uma Comissão, composta por senhoras e cavalheiros da melhor sociedade vimaranense.

Festejos ao S. João

Na rua da Ramada e a exemplo dos anos anteriores, vão realizar-se nos dias 23 e 24 de Junho, festejos populares ao S. João.

Falecimentos e sufrágios

Em S. Salvador de Briteiros finou-se o proprietário sr. Domingos Joaquim Ferreira Dias.

Pêzames à família. — Na sua residência, ao Largo da Condessa do Juncal, faleceu, com 93 anos, a sr.ª D. Belém Rosa de Sousa Peixoto, sogra do nosso bom amigo sr. Armindo Faria, ausente em Afri-

Um centenário comercial

Aos 29 de Maio de 1839, um modesto caixeiro da antiga casa Baptista do Tural, oriundo de Vermonim e filho de pais humildes, tomou sobre os seus ombros a direcção da casa que hoje soleniza o seu centenário, sempre na mesma família, e que já provinha de outras firmas passadas e que pela morte do seu último chefe sem descendência fôra vendida em hasta pública.

Os seus actuais proprietários querendo dar realce a este centenário na sua própria família e avivar a memória de seu bisavô José Joaquim de Azevedo Machado, realçam também a longevidade do seu estabelecimento comercial, ainda portador duma indústria manual e caveira, fabricação de velas de cera, que ainda subsiste como única no concelho de Guimarães, sendo uma das diversas e raras indústrias caseiras vimaranenses ainda existente.

A pesar da simplicidade do seu viver exerceu naquêl tempo o lugar de correspondente dos Bancos de Portugal e Aliança, de casas bancárias brasilei-

JOAQUIM JOSÉ D'AZEVEDO MACHADO 1839=75

JOAQUIM A. DA CUNHA GUIMARÃIS 1875=1901

D. MARIA DE B. D'AZEVEDO MACHADO 1901=05

MANOEL DA CUNHA MACHADO 1905=38

MANOEL DA CUNHA MACHADO, FILHOS 1938

COMEMORAÇÃO CENTENÁRIA D'ESTE ESTABELECIMENTO NA MÃO DESTA FAMÍLIA.

29 Maio 1939.

Placa comemorativa do Centenário, que amanhã será inaugurada no estabelecimento dos nossos amigos srs. Manuel da Cunha Machado, Filhos.

ras, além do comércio de exportação para o Brasil de docaria, encerrada em caixas exteriormente forradas de fio de linha, trabalho hoje extinto, mas muito apreciado em épocas passadas, e já quasi no termo da sua vida, cansado e doente, ainda concorrera para a fundação do extinto Banco Commercial de Guimarães, do qual fôra um dos seus primeiros directores, lugar que occupou até à morte.

É justo que nesta piedosa comemoração não esqueçamos a pessoa que o ajudou no seu primeiro ano de negociante a levantar a sua casa e que nesses primeiros meses chegou a fazer parte da sociedade e primeira firma desta casa Fernandes & Azevedo, Custódio José Fernandes Guimarães.

Ainda em vida e já como director do Banco Commercial de Guimarães, e depois de ter estado à frente do seu estabelecimento durante 36 anos, trespassou o mesmo a seu genro Joaquim António da Cunha Guimarães, que viu da então pequena aldeia de S. Jorge de Selho e filho de pequenos fabricantes de tecidos, desde a tenra idade de 11 anos, labutar na dura e árdua vida commercial d'esse tempo.

Fôo o continuador da sua obra que honradamente legou intacta à sua família, tendo desempenhado também o lugar de correspondente dos Bancos de Portugal e Credit.

Pela sua morte prematura depois de 26 anos cheios de trabalhos e cansaças, tomou a chefia desta casa a sua viúva, minha mãe, que como Viúva de Joaquim António da Cunha Guimarães, assim proseguiu durante 4 anos, após os quais seu filho, signatário destas ligeiras linhas, tomou conta da direcção desta casa, e, embora sem brilho mas com honestidade, após 33 anos de trabalhos pôde trespassar este velho estabelecimento a seus filhos actuais proprietários, os quais, olhando para o passado, deverão seguir as mesmas pisadas para assim o poderem legar aos seus descendentes a fim de que estes num futuro ainda longínquo possam igualmente celebrar o então duplo centenário na mesma família.

Guimarães, Maio de 1939.

Manuel da Cunha Machado.

Os nossos prezados amigos srs. Manuel Joaquim e Joaquim António da Cunha Machado, da firma Manuel da Cunha Machado, Filhos, actuais proprietários d'este velho estabelecimento e seu pai o também nosso prezado amigo sr. Manuel da Cunha Machado, para solenizarem o centenário do seu estabelecimento distribuiram pela V. O. T. de S. Domingos, Asilo de Santos Passos e Casa dos Piores para melhoria da refeição principal, de amanhã, dos seus interessados e beneficiados de ambos os sexos, tendo em atenção que foi nas primeiras casas de caridade que os antepassados fizeram parte da sua administração, a quantia de 200\$00 a cada. Além disso também distribuiram pelos jornais locais, Comércio, Notícias de Guimarães, Ressurgimento e correspondente do Primeiro de Janeiro a quantia de 50\$00 a cada, para distribuírem pelos pobres.

Amanhã, às 10 horas, na Basílica de S. Pedro a celebrar-se-á um terço de missas com a assistência dos beneficiados, e sob a presidência do rev. Arcipreste, Mgr. João António Ribeiro, em sufrágio das almas das pessoas da família que labutaram neste velho estabelecimento, que celebra o 1.º centenário na mão da mesma família.

O «Notícias de Guimarães», agradece o donativo de 50\$00 que foi enviado para os seus pobres, cuja distribuição já fez por algumas pessoas necessitadas e, ao mesmo tempo, associa-se gostosamente, à festa do 1.º centenário da conceituada casa Cunha Machado, apresentando aos seus prezadíssimos amigos srs. Manuel da Cunha Machado, Manuel Joaquim da Cunha Machado e Joaquim António da Cunha Machado, os seus cumprimentos, com o desejo sincero das maiores prosperidades.

Vida Católica

Mês de Maria

Na capela de N. S. da Guia haverá, no dia 31, a festa da conclusão do mês de Maria, constando de missa cantada e comunhão geral, às 8,30 horas e, às 17, consagração, ladainha,

adeus à Virgem e bênção do SS.º. No dia 1.º principia, nesta capela, o mês do Coração de Jesus, a mesma hora do mês de Maria.

Na igreja dos Santos Passos realiza-se, no dia 31, a conclusão do Mês de Maria, com o seguinte programa: Às 7,30, missa cantada. De tarde, às 20 horas, exposição do SS.º Sacramento; às 20,30 horas, sermão pelo rev. P.º Agostinho Veloso, do Seminário da Costa; no final, dar-se-á a beijar Nossa Senhora.

Santa Vera Cruz

Na sua capelinha, à rua P.º António Caldas, celebra-se hoje, conforme programa que já publicamos, a Imagem de Santa Vera Cruz, havendo durante a tarde um animado arraial.

Futebol

TAÇA DE PORTUGAL

Em desafio-révanche, o «F. C. do Pôrto» vence o «Vitória» de Guimarães por 11-1

No passado domingo, deslocou-se à cidade do Pôrto o nosso grupo representativo para disputar a 2.ª mão das 8.ª finais da «Taça de Portugal», jogando com o Campião Nacional — o Futebol Club do Pôrto.

O Campo da Constituição oferecia um lindo aspecto e registava uma boa enchente, dado o interesse que se manifestara de ver jogar o provinciano que tivera o onus de derrotar o «melhor do Mundo», ainda não decorridos oito dias, e, também, para assistir a um desafio de que havia de depender a boa representação do titular.

Às 17 horas, fez entrada no ground o «Vitória», que se apresentou com a seguinte linha: Ricoca; Lino e João; José Maria, Zeferino e Vitorino; Lanreta II, Pantaleão, Clemente, Virgílio e Bravo. Seguem-se-lhe o juiz da partida, sr. Luís Gaspar, do Colégio de Arbitros de Lisboa, que vinha acompanhado dos seus auxiliares. Por fim, surgiu o grupo-campião, que se enquadrou na sua completa formação: Rosado; Sacadura e Guilhar; Pocos, Carlos Pereira e Reboredo; Lopes Carneiro, António Santos, Costuras, Pinga e Nunes.

Jogo (1.ª parte - 4-0)

Coube a saída ao «Vitória», que jogava contra o vento. Domínio persistente do Pôrto que abre o seu activo aos 15 minutos por intermédio de Pinga, com a marcação de um bárbaro penalty marcado a Zeferino que, tendo saltado a uma bola, a tocou com a mão na sua queda. Aos 35 minutos, a um cruzamento de Costuras, Nunes, em nitido e descarado off-side, marcou o 2.º goal. Aos 40 minutos, um remate de António Santos contou a marcar o 3.º goal. No último minuto, Pinga alcançou a 4.ª bola com um tiro formidável — reputado o melhor da tarde.

Balanco técnico: O «Pôrto», dominou em absoluto e jogou com extrema e desusada violência.

Resultado disso a saída de Bravo para fora do rectângulo. O «Vitória», a sua inferioridade ao consentir o assédio constante dos portuenses. Só 2 vezes conseguiu descer ao campo contrário. A sua linha de médios não se entendeu, pelo que obrigou a defesa a um trabalho assaz estenuante.

2.ª Parte (7-1)

O jogo modifica-se um pouco e o «Vitória», perde 3 ocasiões de goal-fé. Contudo a linha de halfs vimaranense continua a não entender-se, o que de certo modo facilita ao «Pôrto», a sua tarefa de copioso rendimento. Aos 14 minutos, António Santos marcou o 5.º tento. O mesmo jogador rematou a contar o 6.º goal, aos 26 minutos. Lopes Carneiro faz o 7.º goal; Nunes, o oitavo, passado 1 minuto o novo; Costuras, salta a uma bola, juntamente com Ricoca, e faz o 10.º tento, sem ninguém nas rédeas. Lanreta II num arranco sui generis, marcou o primeiro goal dos vimaranenses a um cruzamento de Bravo. Reboredo fecha a série a marcar o 11.º goal, quasi ao findar do 2.º half-time.

Balanco técnico do 2.º tempo: Embora fosse auxiliado pelo vento, o «Vitória», foi inferior team àquilo que vale. Deixou-se morrer na meia-defesa contrária e só escassas vezes tentou alvejar as rédeas dos azuis-brancos.

Apreciações gerais

O «F. C. do Pôrto» entrou no rectângulo apostado a vencer, fosse de que modo fosse. Usou do jogo impróprio, embora a «imprensa-calosso» pretenda insinuar o contrário. Aqueles pontapés no defesa, João, no meia-defesa, Vitorino, e extremo esquerdo, Bravo, nunca mais se esqueceremos da nossa memória! Que o diga o treinador, sr. Siska, desculpando-se junto de Alberto Augusto: O «Pôrto», não precisa de fazer tal jogo para ganhar... E não. O «Pôrto» não convenceu e preferiu a deslealdade e a violência à imposição de uma categoria que, francamente, lhe reconhecemos.

Por seu turno, o «Vitória» foi um grupo de «anjinhos». Nada que fizesse recordar a sua anterior exibição! — Porque? — Altos desígnios da bola.

A arbitragem do sr. Luís Gaspar não merece classificação. Um leigo não cometeria tantos erros!

Desconhecedor das mais rudimentares regras, absolutamente incompetente para arbitrar jogos do rélevo do realizado, pri-

mou e fartou-se de fazer «negaças» às leis reguladoras.

Apitou muito, mas do muito que apitou só lhe fica a inconsciência de ter aceite o comando de uma partida que nem as 3.ª categorias admitiriam! Uma autêntica lástima!

Confessemos à pureza que o «Pôrto», integrado de todos os seus titulares, é team de grande classe todavia, se não tivesse enveredado pelo caminho que trilhou, mais airosa essa superioridade se revelaria e o resultado não seria feito de molde a admitir exageradas diferenças.

Mas... a coisa deu para assim!

Espectador.

Homenagem ao jogador Virgílio de Freitas

Como foi devidamente anunciado, a actual Direcção do «Vitória Sport Club», nomeou Sócio Honorário da colectividade a que preside o capitão do seu Grupo de Honra, sr. Virgílio de Freitas — o que representa a mais alta distinção que uma colectividade pode conferir a um modesto praticante do Desporto, relevadas não só as suas belas qualidades morais e dedicação de um desportista pelo seu Club, mas também exprime o público reconhecimento pelo muito que honrou a sua Terra natal.

Deliberou, em sua última sessão, que, na próxima quinta-feira, 31 do corrente, na sua sede se realizasse uma sessão comemorativa da inauguração do seu retrato, na galeria de honra dos sócios honorários, para a qual vão ser convidadas as entidades oficiais, Imprensa e associados.

Em nome da Direcção discursará o seu ex.º Presidente, sr. dr. José Pinto Rodrigues, que fará o elogio do homenageado.

A fotografia a inaugurar encontra-se em exposição na «Casa das Gravatas» e foi gentilmente oferecida pelo considerado proprietário da «Foto-Beleza», sr. Manuel Alves Machado.

Aos sócios vai ser endereçado convite público.

Desde já nos associamos à homenagem a prestar a Virgílio de Freitas, prometendo dar-lhe o maior rélevo.

Novos estabelecimentos

Encontram-se concluídas as obras do novo e grande armazém da Casa Alberto Pimenta Machado, à rua de Paio Galvão, um novo estabelecimento que muito honra a terra e o seu digno proprietário. Trata-se, sem dúvida, de um importante melhoramento comercial.

Nos primeiros dias de Julho deve abrir, na rua de Santo António, um moderno estabelecimento, onde ficará instalada a «Sapataria Lus», do nosso prezado amigo sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis.

Companhia RENTINI

Na última segunda-feira retirou desta cidade, onde se exibiu com geral agrado e conquistou muitas simpatias, a popular Companhia Rentini que é constituída por honestos elementos possuidores de apreciáveis qualidades artísticas, que os impõem à consideração do público.

Em nome d'este apreciável conjunto, apresentamos os seus cumprimentos de despedida o sr. Camilo de Oliveira, seu gerente-artístico, deferência que agradecemos.

Os simpáticos artistas que não puderam, como era seu desejo, despedir-se do povo vimaranense dentro do seu Salão Metálico, fizeram distribuir o agradecimento que abaixo inserimos.

Desejamos-lhes muitas felicidades e ficamos aguardando a oportunidade de os voltar a ver trabalhar em Guimarães.

RENTINI, a todos os Vimaranenses

A Companhia Rentini, não podendo despedir-se do dig.º Público Vimaranense, vem por este meio testemunhar o seu grande reconhecimento pela forma carinhosa como foi recebida nesta tão hospitaleira cidade.

Os artistas são modestos; as suas apresentações de espectáculos modestas são. E porque assim é não esquecem este benévolo povo Vimaranense que, de braços abertos, os recebeu e soube compreender que a Companhia Rentini só procura viver honestamente, sem vergonhas, apresentando o seu repertório sem esplendor é certo, mas animada pelo desejo firme de vencer na vida.

Amigos de Guimarães:

Os artistas da Companhia Rentini não são nem nunca foram ingratos. Sabem perfeitamente reconhecer o que fizeram para os animar e os auxiliar. Ao escrever aqui o seu adeus, é com a maior saúde que o fazem, levando bem gravado o nome desta boa terra que não conheciam, e que tão bem os soube compreender.

Rentini e os seus componentes jamais esquecerão Guimarães e prometem visitá-la para o próximo ano ou em qualquer outra época, com novo e escolhido repertório, esperando que tão bondoso público lhe manifeste as simpatias que lhe dispensou.

A Imprensa e a todo o público em geral, as nossas despedidas e os nossos sinceros agradecimentos.

Camilo de Oliveira.

DO CONCELHO

Vizela, 23.

Simple explicação

Era nossa intenção ficar reduzido a silêncio absoluto, pelo menos enquanto isso nos parecesse conveniente...

Cêdo, porém, mudamos de parecer... e, assim, cá por coisas, voltamos já ao pequeno cantinho de lugar que o «Notícias» nos vai dispensando, por estima a esta terra encantadora e bela, de que somos filhos adoptivos!

E tendo em boa nota a ordem que pessoalmente nos foi dada pelo nosso amável Director, somos forçados, evidentemente, a reduzir estas correspondências, tornando-as menos extensas.

De facto, ás vezes, custa um pouco usar de muito laconismo, mas... ordens são ordens e manda quem pode!

Escasseia quasi sempre o espaço... e é justo caber-mos todos!

E está bem. Não se pode abusar do que a todos pertence.

Vizela não tem um jornal — e diga-se, de passagem, que bem o podia ter! Mas adeante... que, a falar-se nisto, longa seria a divagação...

Fique sabendo o Anónimo que nos escreve — aliás em termos lisonjeiros, de agradecer, que a culpa de não terem aparecido aqui há bastante tempo correspondências da nossa autoria, não nos cabe a nós — que sempre as temos mandado.

Deve atribuir-se a sua não publicação ao facto da falta de espaço com que este jornal luta.

Nós, pelo menos, de boa intenção assim o julgamos — até que razão em contrário nos convença de que seja outro o motivo...

Foram-se acumulando na Redacção correspondências nossas, algumas um pouco extensas, é certo, que tem perdido sucessivamente a oportunidade, — e naturalmente a isso se deve o não terem sido publicadas.

De resto, cá estamos no isolamento do nosso cantinho, sempre de boa vontade, pronto a enviar ao «Notícias» algumas novas da terra.

Já tivemos ocasião de dizer ao querido amigo F. C. que, para outra coisa não, — que nos falta a base sólida de recursos literários, — mas para simples noticiário, que a nada nos esquiváramos! Bem assente ficou de que, só dentro do pequeno âmbito de noticiário, continuaríamos a dizer alguma coisa...

Doutra forma, não!

E mesmo porque, em estilo literário, não nos cabe a nós essa outra missão, que, com elevado brilho e apuro, com reconhecida competência e illustração, ninguém melhor do que Júlio Damas aqui pode desempenhar!

A isso não nos abalançamos nós... Deve Vizela orgulhar-se de encontrar nele — seu filho nato muito querido! — o grande propagandista que, pela pena e pela palavra, sabe honrar a sua terra e com alto relêvo e elegância fazer o réclame de que há tanto tempo ela anda afastada...

Não precisa, pois, a linda Vizela, de recorrer, possivelmente, aos de fora... e pode aproveitar-se da prata da casa, absolutamente certa de que encontra em Júlio Damas — que um futuro próximo há-de consumir jornalista atilado — aquilo de que carece!

Oxalá que assim o queiram compreender aqueles que, mais de perto, são directamente interessados... Pela nossa parte prestaremos, como sempre — há já bastantes anos — o nosso modesto concurso, da melhor forma que sabemos e podemos.

Simplemente — repetimos — não tomamos outro encargo que não seja o de simples correspondente para o limitado âmbito de noticiário.

Nada mais...

Júlio Damas já o sabe! São muitos os factores que nos impelem a não sair disto, tornando-nos impossível qualquer outra melhor colaboração.

Nunca o fizemos de forma diferente e agora... já mais o faremos! E' esta a explicação que, por hoje, entendemos dar para quebrar o silêncio que, afinal, não era nosso...

Mas isto, se desta vez houver espaço — pois do contrário continuarei a pagar sem culpa minha... Sirva este arrazoado, se for publicado, para satisfação a quem a mercê... e para desfazer possíveis más interpretações...

Como de tudo isto se infere, a notícia pedida pelo bom amigo J. L. A., e outros, se não saíram à luz da publicidade... não foi porque nós as não enviássemos na devida oportunidade... — C.

Caldas das Taipas, 18.

Melhoramentos

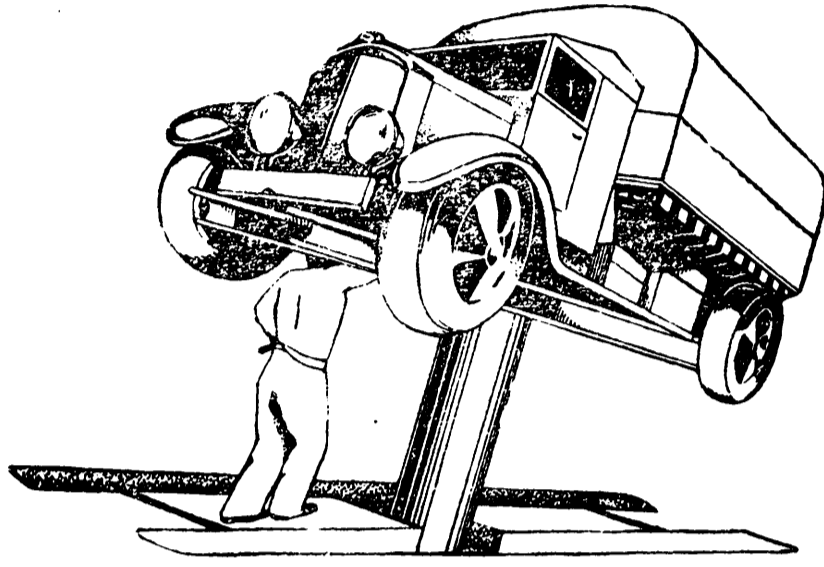
Se bem que a nossa linda e aprazível estância termal careça de melhoramentos, e muitos, é certo muitíssimo pouco se tem feito para que ela marque entre as suas congêneres o lugar de destaque a que tem supremo direito, pela sua posição geográfica, pela amenidade do clima, e pela preciosidade das suas águas.

Muito embora a Providência tenha sido pródiga na concessão das belezas naturais que a tornam encantadora e atraente, existem lacunas que só a mão do homem pode preencher ou completar.

Porém, se relancearmos a vista pelo



EAGLOIL



H. VAULTIER & C. A

Lubrificar o seu carro com EAGLOIL é ter a certeza antecipada do seu bom funcionamento.

SECÇÃO ÓLEOS

Prefira estações de serviço EAGLOIL.

passado de uns 10 anos, constatamos, com desolação, que enquanto outras terras de somenos importância marcham a passo acelerado na senda do progresso porque têm sabido aproveitar os benefícios do Estado Novo, nós quedamo-nos como mendigo à margem do caminho, cheio de fome, com ardente desejo da esmola, mas sem que para a receber faça um gesto, pronuncie uma palavra, dirija uma súplica ao transeunte que passa, olhando-o com indiferença quando podia socorrê-lo.

E' o caso. Nós não recebemos nada, isto é, nenhuns melhoramentos públicos se têm feito nas Taipas porque o seu vereador do pelouro nada tem pedido!

Parece uma mentira! Mas são palavras saídas da boca do sr. capitão Magalhães Couto, ex-presidente da Câmara, brindando numa reunião em que um outro orador e devotado bairrista a s. ex.ª pedira para que olhasse com mais carinho para esta terra que tam desprezada tem sido pelos nossos governantes.

Neste caso, a darmos crédito àquelas palavras que o visado até hoje não desmentiu, necessário se torna que s. ex.ª o senhor vereador mude de caminho: é preciso pedir, insistir, impor, quando necessário!

Se assim proceder terá os aplausos gerais dos habitantes das Taipas.

— C. C.

S. Romão de Mesão-Frio, 25.

Na igreja paroquial desta freguesia, baptisou-se, no passado domingo, uma filhinha do nosso prezado amigo, sr. Antonio Garcia, da Boa-Vista, e de sua esposa, que recebeu o nome de Rosa. Foram padrinhos o sr. José Fernandes de Abreu, proprietário, e sua esposa.

Também na mesma igreja fez a sua primeira comunhão, no passado domingo, 21, o interessante menino Belmiro Pereira Martins, filho do nosso particular amigo sr. Egidio Pereira da Silva, de Belos-Ares. Parabéns.

O nosso amigo e industrial, sr. Lucínio A. Barbosa de Oliveira, pediu em casamento para o seu empregado superior, a sr.ª D. Maria da Conceição Pacheco, filha estremecida do sr. António Dantas Pacheco, industrial, e de sua esposa a sr.ª D. Rosa Mendes Pacheco. Aos noivos, cujo enlace se vai realizar brevemente, desejamos-lhe, desde já, uma auspiciosa lua de mel.

A Direcção das Juventudes desta freguesia, trabalha com entusiasmo e afañ nos preparativos para as comemorações do 20.º aniversário da entrega da mesma aos mil carinhos e magno esforço do seu talentoso abade rev. João de Oliveira, que vão realizar-se em meados de Julho próximo.

— C.

Lêde e propagal o «Notícias de Guimarães»

Por maltratar os Animais

Por andar a destruir ninhos e matar as avesinhas e, ainda, por outros crimes semelhantes, foi apresentada uma queixa, na Policia desta cidade, contra José Machado, menor, de S. Cristóvão de Selho, deste concelho.

O arguido deu entrada no calabouço da Esquadra, depois de provados os crimes que praticara, o mesmo acontecendo a seu pai, Manuel Machado, por não o castigar nem ao menos reprender, antes o aconselhando a que continuasse a fazer o que entendesse, visto que em casa deles não havia tutores.

E são desta força, alguns pais!

Portanto, tanto o filho como o pai foram muito justamente castigados e só temos que louvar a atitude das ex.ªs Autoridades Administrativas — srs. Administrador do Concelho e Chefe da Esquadra Policial — pelo facto de não transigirem na applicação do castigo contra quem maltrate os animais.

E' assim mesmo e é só assim que está bem, porque o contrário disso seria contrariar os princípios da boa educação, princípios que as Autoridades devem defender tanto quanto possível.

O MELHOR CAFÉ É O D'A BRASILEIRA

PROPRIEDADE

Vende-se uma propriedade, em S. João de Brito, lugar do Couto, dando dois carros de medidas e cerca de três pipas de vinho, tendo casa de habitação para o caseiro. Informam os srs. António de Freitas e Manuel da Rocha, de Ronfe.

(72)

Festas e Romarias

Nossa Senhora da Lapinha CALVOS — Guimarães

No bucólico recanto da Lapinha, decorado sobre extensos vales fecundos, orlados de montes e serras longínquas... — cenário rude, empolgante, que a vista não se cansa de admirar — realiza-se hoje, 28 de Maio, a

Festa do Espírito Santo

tendo havido ontem à noite iluminação, fogo, etc.

A's 11 horas, terá lugar a solenidade religiosa, constando de missa solene, a grande instrumental e sermão por um distinto orador.

Pelas 4 horas da tarde, sairá a procissão, acompanhada de um luzido cortejo de anjinhos e figuras alegóricas, clero e irmãos, fechoando o préstito a Banda Nova das Taipas.

Depois de recolher a procissão, durante a tarde, a referida banda executará as melhores peças do seu variado repertório.

No domingo, 18 de Junho, realiza-se a

Procissão a Guimarães

Pelas 11 horas, após a solenidade religiosa, sairá da capela-mor do Santuário — em construção — a veneranda e milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Lapinha, *Padroeira dos Agricultores*, para a sua visita anual à nobre e histórica cidade de Guimarães, grandiosa e comovente romagem de fé, piedade e devoção, que se realiza, com a máxima importância, desde 1656 — há 283 anos — em cumprimento de antigo voto do povo de 7 freguesias circunvizinhas.

Acompanhada por milhares de devotos de ambos os sexos, com itinerário pela estrada da Penha-Belos-Ares, dará entrada, segundo a tradição, no majestoso templo da Insigne Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, onde permanecerá à veneration dos vimaranenses até à 17 horas, regressando em seguida à Lapinha — pela estrada de Covas-Alto de S. Simão.

Esta procissão, segundo o Estatuto, visita Guimarães todos os anos no domingo immediato a 13 de Junho — dia de Santo António.

Romaria de S. Torcato

Com o lindo dia que no domingo esteve, a Romaria Pequena de S. Torcato, realizada no aprazível local do mesmo nome, teve farta concorrência de forasteiros, tendo decorrido com bastante entusiasmo e siso abrilhantada por duas bandas de música.

A tarde houve uma vistosa procissão e arraial, com fogo, música e outras diversões.

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

O NOTÍCIAS

DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Secção: — Silva Bastos, Torrinha, Moreno (pop.), Ligorne, Povo, Fonseca e Roquete (2v.) e Sinónimos de Bandeira.

(Ao corpo redactorial de «A charada», apresentando os meus protestos por não me terem convidado)

Resultados do n.º 7-3.ª Série

Soluções

1) ESTAFIM; 2) arara; 3) iris; 4) peiro; 5) cousimento; 6) farpão; 7) armar; 8) PIOVEZ; 9) doar; 10) corte-são; 11) levadia; 12) labuta; 13) gazeta; 14) azul; 15) mantença.

Quadros de distinção

D. Simpático e Alguém

RELATÓRIO DO ÁRBITRO

Pôrto, tantos de tal.

Recebendo do inferno o convite para apreciar 3 combates, forçado sou a aceder, porque sou um amigo dos «Diabos». Ai vai da minha justiça. Na primeira frente, todos fizeram fogo com alvo coberto, mas só o n.º 1 marcou. Os outros usaram polvora velha. E' «Simpático», não é?...

Passando à 2.ª frente, deparo com fogo duplo que já não dá resultado. A seguir faz-se fogo «novo», (que deve ser do mais antigo) e como alguém devia ganhar... «Alguém», ganhou. Há ainda a prova dos últimos, em que só o último é que diz alguma coisa, mas este amigo, quando quer, faz fogo melhor e com outra polvora.

Apareceu um «Diabo», a falar doutro, mas não percebi.

Vai p'ra Lisbô... a

Sabrigaita.

Quadro de Honra

(Pontos a decifrar: 16)

Agnus Matutns, Alguém, Alvarinto, Biscaro, Calmeirão, Castela, Conde, Copofónico, Dado, Diadema, Dropê, E'dipo, Erbelo, Fidéllo, Fosquinha, Frak & Fort, Frasilfra, Hanibal, Lérias, Luz Ferreira, Morenita, Pacatão, Pantufa, ReiTexai, Rei Viola, Ricardo, Romeu, Rotie, Sabrigaita, Siulno, Tinobe, Veneno, X-8 e X-9.

Totalistas

Quadro de Mérito

Josilear, Mora-Rei e Oraval, 14; Délia e Doralvas 13; P. de Inkin e A. L. C., 12.

DIPLOMATAS

A «Rotie», e ao Director, nada custou. A «Julieta», não ligou. Quem será o «melhor do mundo»?

3.ª Série Charadismo N.º 11

Enigmas

(Aos que mandam trabalhos para secções fáceis, sob diversos pseudónimos)

1) Se de princípio for Ao atractivo tirar Das sílabas a primeira (Com cautela e sem amor) E a seguinte lhe arrancar Evitando assim asneira Juntando o que sobejou Ao começo que ficou Sentirá sem amargura, Já que tanto trabalhou, O prazer da sã frescura,

Lisboa. Siulno (T. E.).

Correspondência: — J. GARCIA — Rua Egas Moniz, 85 — Guimarães.

BRASIL Secção de Procuradoria da Casa Bancária CUPERTINO DE MIRANDA & C.ª

SÉDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotecas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

DESPORTO

Tiro aos Pratos

Em Amarante realiza-se no próximo dia 4 de Junho, por ocasião das Festas de S. Gonçalo, um grande Torneio de Tiro aos Pratos com o seguinte regulamento:

A's 14 horas, Poule de ensaio em 10 pratos, inscrição, 15\$00; Prémio, 70% das inscrições.

2) Uma vez, em Chanceleiros Na adega do Págajá, Estavam quatro parceiros Apreciando o bom «chá», Eram: «Fraga», «Dr. Rina», «Edmaro», mais «Adeusinho», Todos quatro, reza a sina, Grandes provedores de vinho. Tudo corria mui bem, Mas o «chá»,... muito melhor. De repente, entrou alguém Dizendo ter uma dor. Era o «Mirones», matreiro Esse rapaz escoreito Que foi p'lo pé de um carneiro Calcado no pé direito. Trazia um calo pisado, Era o do dedo mendinho. O «Rina», penalizado Pós-lhe uma sopa de vinho. «Mirones», o «Rina», abraça Por o calo não doer já, E todos, por obra e graça Continuum com o «chá», Entre os cinco maganões Há alegria imprevista, Levantam-se saudações Ao «Mirones», e ao calista. Há pouco tempo se deu Este pagode bacano. E, pelo menos creio eu, Foi no principio do ano.

Biscaia. Olegna (L. A. C.)

Novíssimas

3) Sob o pé do «animal», vi uma moeda antiga. — 2-1 Guimarães. Arminho.

4) Bebedeira excelente! Até parece um janota. — 2-2 Lisboa. Calmeirão.

5) Noutro tempo obti o processo de apanhar o porco sem precisar da porca. — 1-2 Braga. Esfinge.

6) Quem ilumina a alma dos pobres dedica a vida a Deus e esta ser-lhe-á suavizada. — 2-1 Pôrto. Fiddlio (L. A. C. e A. C. I.).

7) Com essa tua «figura», «nota», que tens imposto à consideração pública. — 2-1 Lisboa. Ratónico (L. A. C.).

8) Que massada! Estafar os pulmões a ler o brevírio! — 2-2 Pôrto. Rei do Orco.

9) Se faz volta apresenta mudada a direcção. — 4 1 Pôrto. Romeu (L. A. C.-A. C. I.).

10) O botão para calças foi dado com nójo pelo traficante. — 2-1 Lisboa. Rotie (T. E. e G. X.).

Sincopadas

11) Sob a parte inferior dos potes encontrei uma coisa maravilhosa. — 3-2 Lisboa. Castela (T. E.).

(Retribuindo à «Morenita», 12) A minha grande vontade, dar-me-á forças para enfrentar as desditas mais cruéis. — 3-2 Guimarães. Délia.

13) Não há dom de graça que alegre a última jazida. — 3-2 Pôrto. Julieta (L. A. C.).

14) A rodilha da cozinha foi feita de um bocado de capote. — 3-2 Lisboa. Raz Ferjotatos.

15) Minha Senhora: esses brincos não são próprios da sua idade. — 3-2 Zé da Ponte (T. E.).